



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – MESTRADO
Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem

ANAIS

IV Encontro de **Professores e Pesquisadores** de História da
Enfermagem

E

IV Mostra da **Produção Científica** de História da Enfermagem no Rio
de Janeiro

Resumos

2006



Laphe
*Laboratório de Pesquisa
em História da Enfermagem*

IV Encontro de **Professores e Pesquisadores** de História da
Enfermagem

E

IV Mostra da **Produção Científica** de História da Enfermagem no Rio
de Janeiro

Ficha catalográfica

E56

IV Encontro de Professores e Pesquisadores de História da Enfermagem no Rio de Janeiro (2006: Rio de Janeiro, RJ). Resumos / IV Mostra da Produção Científica da História da Enfermagem no Rio de Janeiro (2006; (Rio de Janeiro, RJ). Comissão executiva Nébia Maria Almeida de Figueiredo, Osnir Claudiano da Silva Junior...[et al]. - Rio de Janeiro : UNIRIO, PPGENF, Laphe, 2006.
49p.

1. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-) -- Resumos. 2. Pesquisa -- Resumos. 3. Enfermagem -- Brasil - História. I. Figueiredo, Nébia Maria Almeida de. II. Silva Junior, Osnir Claudiano. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem -- Mestrado. IV. Título.

CDD – 610.730981

Versão CD-ROM
ISSN 1980-7546

IV Encontro de **Professores e Pesquisadores** de História da
Enfermagem
E
IV Mostra da **Produção Científica** de História da Enfermagem no Rio
de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitora

Malvina Tânia Tuttman

Vice-Reitor

Luiz Pedro San Gil Jutuca

Pro-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Florence Romijn Tocantis

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Lucia Marques Alves Vianna

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado

Nébia Maria Almeida de Figueiredo

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto

Beatriz Gerbassi Aguiar

Departamento de Enfermagem Fundamental

Carlos Roberto Lyra da Silva

Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem

Osnir Claudiano da Silva Junior

Sumário

Apresentação	05
Conferências	
Tema I - A ENFERMAGEM PROFISSIONAL NO BRASIL: 1890-1931	06
Tema II - SAÚDE E ENFERMAGEM NA PRIMEIRA REPÚBLICA	18
Resumos	
A ENFERMAGEM DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E A GRIPE ESPANHOLA NO RIO DE JANEIRO: ATUAÇÃO E REPERCUSSÃO	26
ABRIGO DO CRISTO REDENTOR: A RECONFIGURAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM (1987-1995)	27
PSIU! PRECISAMOS DE SILENCIO: REPENSANDO A TEORIA AMBIENTALISTA DE FLORENCE NIGHTINGALE	28
O IMPACTO DA LEI 775 NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO (1950 - 1956)	29
O MOVIMENTO DE EXPANSÃO DOS CURSOS SUPERIORES DE ENFERMAGEM NA REGIÃO NORTE DO BRASIL	30
ANTÔNIO FERNADES FIGUEIRA, DIRETOR DA ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS. A PRIMEIRA ESCOLA DE ENFERMAGEM DO BRASIL.	31
MARCOS NA HISTÓRIA DO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO – 1947 A 1979	32
COREN/COFEN: DA CRIAÇÃO AOS DIAS ATUAIS- QUAL IMPORTÂNCIA PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL?	33
A MATÉRIA DE ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS, SEÇÃO FEMININA: A GARANTIA DA ADMINISTRAÇÃO INSTITUCIONAL SOB A ÉGIDE DA MEDICINA (1921-1926)	34
ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO CENTRO DE MEMÓRIA DRA NALVA PEREIRA CALDAS	35
OS MANUAIS PARA ENSINO DA ENFERMAGEM NO PERÍODO DE 1916-1920	36
APELO ÀS MOÇAS BRASILEIRAS": A PROPAGANDA DIVULGANDO E REPRODUZINDO IDÉIAS	37
O COTIDIANO DOS ALUNOS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO, 1949-1956	38
CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMEIRA NO CONTROLE E ACOMPANHAMENTO DE PESQUISAS BIOMÉDICAS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	39
JOÃO DE MELLO MATTOS: UM DOS DIRIGENTES DA PRIMEIRA ESCOLA DE ENFERMAGEM DO BRASIL	40
A EVOLUÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM NA REGIÃO SUL-FLUMINENSE	41
ORGANIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA PROFª DRª NALVA PEREIRA CALDAS DA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UERJ	42
IMPLANTAÇÃO DO ARQUIVO SETORIAL ENFERMEIRA MARIA DE CASTRO PAMPHIRO	43
PROFISSÕES FEMININAS PIONEIRAS NA SAÚDE NO SÉCULO 20: ENFERMAGEM, NUTRIÇÃO E SERVIÇO SOCIAL	44
A ENFERMAGEM NOS HOSPITAIS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, LOCALIZADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, NO INÍCIO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20	45
O SERVIÇO DE ENFERMAGEM EM NEFROLOGIA EM UM HOSPITAL DO ESTADO DA GUANABARA: A DITADURA DO MOMENTO (1968)	46
A SAÚDE PÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL NA PRIMEIRA GESTÃO DA DIRETORIA GERAL DE SAÚDE PÚBLICA (1897 - 1902)	47
AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA EPIDEMIOLOGIA E ENFERMAGEM A PARTIR DO SÉCULO XX	48
Índice de autores	49

Apresentação

O IV Encontro de Professores e Pesquisadores de História da Enfermagem e a IV Mostra de Produção Científica de História da Enfermagem no Rio de Janeiro, promovidos pelo Laboratório de Pesquisa de história da Enfermagem - **Laphe**, ocorreram no período de 26 a 29 de setembro de 2006, como parte das comemorações dos 116 anos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da UNIRIO, e compõem as atividades anuais da **Linha de pesquisa "O Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil"** do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado - PPGENF, integrando alunos de graduação e de pós-graduação da EEAP/UNIRIO.

O tema central do **IV Encontro**, "*Saúde e Enfermagem na Primeira República*", foi abordado em conferência proferida pelos Professores Doutores Osniir Claudiano da Silva Junior (UNIRIO) e Luiz Antonio de Casto Santos (IMS/UERJ), e pela Doutora Lina Faria (DPCT/UNICAMP).

Para nossa alegria e dos 54 autores e co-autores dos 23 trabalhos inscritos na sessão pôster, a partir desta edição contamos com mais um reconhecimento - os resumos das produções expostas na **IV Mostra** e o conteúdo da Conferência do **IV Encontro**. Este material bibliográfico passa a ser publicado nos Anais do evento, na modalidade CD-ROM. Tal publicação foi cadastrada no IBICT sob o registro do ISSN 1980 – 7546. Além dessas conquistas, fomos incluídos nos calendários de eventos científicos da BIREME e do CNPq.

Assim, restou-nos como desafio, para a próxima edição (em 2007), a ampliação do formato do resumo simples para resumo *expandido* por reconhecermos a necessidade da quantificação e qualificação dos dados nas publicações dos pesquisadores, professores e alunos que militam na História da Enfermagem, como também na divulgação desse conhecimento no âmbito regional e nacional.

Por fim, esperamos ter contribuído no projeto de consolidação de uma rede de Encontros e Eventos sobre a **História da Enfermagem**, atendendo os anseios dos novos e consagrando a luta dos pioneiros pesquisadores desta área de conhecimento, não só relevante, mas essencial para o desenvolvimento da enfermagem no Brasil e no Mundo.

Wellington Mendonça de Amorim
Prof Adjunto do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública - EEAP/UNIRIO

CONFERÊNCIA – TEMA I

A ENFERMAGEM PROFISSIONAL NO BRASIL: 1890-1931

Osnir Claudiano da Silva Junior¹

Introdução

O objetivo desta apresentação é traçar um panorama da profissionalização da enfermagem no Brasil, no Rio de Janeiro, desde sua primeira iniciativa de formação escolar, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, anexa ao Hospital Nacional de Alienados, em 1890, até o estabelecimento do modelo da Escola de Enfermagem Dona Anna Nery, como padrão nacional em 1931. As idéias aqui apresentadas são sustentadas pelo conjunto de diversos trabalhos de pesquisa, fruto de projetos institucionais, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de final de curso como monografias de especialização e graduação em enfermagem e trabalhos de Iniciação Científica (IC) e ainda no Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq). Desenvolvido por pesquisadores ligados ao Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da UNIRIO.

O desenvolvimento da enfermagem profissional no Brasil: primeiros movimentos

A reflexão histórica é parte relevante de uma construção intelectual e da consolidação do campo profissional e científico. Com isto, pretende oferecer um sentido e orientar a condução do processo social e compreender as diferentes

¹ Enfermeiro. Professor da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. <osnir@centroin.com.br>

forças, interesses e estratégias que buscam influenciar na prática e nos saberes dos enfermeiros. A História da Enfermagem, segundo Moraes (2002), ajuda a consolidar caminhos e a compreender os diferentes sentidos e estratégias em disputa. Identifica os atores e projetos sociais que são partes de um tempo e de um contexto, que se empenham em intervir ou influenciar nos rumos de um processo. O estudo da História da Enfermagem é resultado de uma opção e de uma intervenção acadêmica que se estrutura com maior vigor a partir do final dos anos 80 do século XX e que é influenciada pelas concepções da História Nova. Neste sentido, a História é um campo de saber que permite compreender as relações e os processos que articulam os indivíduos, grupos e a sociedade e produzem sentidos sociais.

O estudo das profissões é um campo fecundo das ciências sociais, com variáveis volumes de produção e inovações desde os seus fundadores. E. Durkheim atribuía à corporação profissional, a origem da nova ordem moral da sociedade industrializada que se baseava em *“la division du travail social”*. Para M. Weber, uma profissão é fruto da especialização do trabalho livre que pode garantir a alguém uma possibilidade duradoura de subsistência. Marx compreende que o trabalho se constituiu no motor das transformações sociais. O trabalho e a organização da atividade produtiva consolidava e articulava os interesses antagônicos que orientavam o processo histórico. O lugar da luta e de produção de alternativas sociais encontrava-se no processo produtivo. Haveria uma construção histórica e dialética que orientaria a lógica da produção, da circulação, da produção, do consumo e da reprodução social.

O Estudo de uma profissão remete a um debate necessário. Os clássicos apresentam e permitem a compreensão de parte do debate, aos historiadores e cientistas sociais interessa os parâmetros que orientam as análises das profissões. Uma explicação científica da profissão distinta das noções produzidas pelo senso comum (portanto, como preocupação valorizada pelos estudos de orientação interacionista) em que são consideradas as especificidades históricas, produtivas e "geográfica" de organização social do trabalho humano.

Freidson (1988), utilizando-se de um enfoque "institucionalista", evidencia as diferenças entre as profissões em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos, assim como o papel estratégico do Estado para o desenvolvimento do profissionalismo e da profissão.

O mesmo autor aborda as profissões como *uma* entre outras formas pelas quais diferentes ocupações organizam o trabalho. Isto significa que a organização interior é um elemento social fundamental em sua consolidação e em sua distribuição de prestígio e de relações com outras profissões e com a sociedade. Ela não é uma totalidade amorfa, dotada de diferentes ou antagônicas características ou descontínua. Ela se reconhece e reconhece os seus pares, produzindo e atribuindo distinção. Um analista tradicional poderia denominar este fenômeno de "traços" profissionais.

Inspirado inicialmente por uma visão funcionalista e com uma conclusão estruturalista sugere que se analise a divisão do trabalho como um processo de interação social que funciona *limitado* por uma moldura: a organização social. Isto demonstra a possibilidade de construção das fronteiras profissionais a partir das interações entre os grupos sociais envolvidos. A divisão social do trabalho transforma-se em um dado, que só permite negociações no seu interior, mas que não pode, em si mesma, ser objeto de ação humana. Este modelo de análise, do nosso ponto de vista, possui sentido fatalista ou determinista e a História da emergência e afirmação da Enfermagem como profissão demonstra que a identidade profissional não é suficiente para esgotar ou neutralizar as lutas sociais, ao contrário.

Machado (1995) identificou a base cognitiva e o mercado de trabalho como categorias-chaves para a análise sociológica das profissões e acrescentou a estes, o corporativismo como um elemento de identidade profissional.

Para Ellias (1987), uma atividade, uma profissão em geral comporta uma formação específica e um título emitido por uma escola, o exercício da atividade remunerada amparada por uma lei e a existência de uma corporação que estabeleça um código de ética entre os pares.

A necessidade social da enfermagem transcende mesmo a organização das primeiras sociedades humanas, uma vez que esta, identificada com o cuidado ao ser humano sadio ou doente, em todas as fases da vida, é condição *sine qua non* para a sobrevivência. Mas a profissionalização desta atividade é evento recente na história.

O marco mundialmente aceito ou que se constituiu como hegemônico na lógica ocidental para a profissionalização da enfermagem é a abertura, por Florence Nightingale, da Nightingale Training School for Nurses at St. Thomas Hospital. Florence Nightingale é um símbolo –uma importante imagem e referência profissional - que se confunde com uma prática, uma heroína britânica na guerra da Criméia, o que iniciou a Enfermagem Moderna em 1860, num modelo de formação técnica e moral característicos da era vitoriana. Em 1897, a Inglaterra passou a proibir a contratação de enfermeiras não qualificadas, mais um passo para a profissionalização da enfermagem. Miranda (1996). Trata-se de um marco compromissado, que obedece a interesses e modos de compreensão identificada com a racionalidade ocidental capitalista. A contribuição de Florence escreve-se na expansão capitalista e esforços em produzir disciplina, controle, hierarquização e eficácia nos resultados numa disputa política, ideológica e militar. A expansão deste modo de ação e compreensão não se dissocia dos eventos e instituições empenhadas em produzir uma hegemonia social e um modelo assistencial, marcado pelo gênero feminino.

No Brasil, a atividade de enfermagem no período denominado de Brasil Colônia e Brasil Império foi exercida por religiosos, escravos e ex-escravos e ex-doentes. A sua atuação se deu em instituições que os registros históricos apontam como rudimentares até a chegada da Família Real e elevação do Brasil à sede do Império Português. Mesmo a presença da Corte portuguesa no Brasil e a Independência do Brasil do domínio português não reverteram esta situação. No máximo, a atenção era curativa e individualizada, inexistindo políticas públicas para o setor. As existências de crises epidêmicas e doenças endêmicas não promoveram políticas ou ações de Estado capazes de produzir efeitos gerais e de médio prazo.

O fato mais significativo durante o nosso período imperial para o desenvolvimento da enfermagem foi a chegada das irmãs de caridade de São Vicente de Paulo da França para assumirem o novo Hospital da Misericórdia no Rio de Janeiro, em 1852. Padilha (1998)². Uma associação bastante produtiva do Estado imperial com a Igreja Católica Romana, como no caso da educação feita pelos colégios católicos.

Instalada a República, em 1889 e estremecidas as relações entre a Igreja Católica e o Estado republicano, no primeiro ano do novo regime, as irmãs de caridade “abandonaram os doentes do hospício”, na versão dos psiquiatras e dos agentes governamentais. Uma vez mais foi na França que o governo provisório buscou o caminho para a resolução da questão da assistência de enfermagem; assistência aos doentes e auxílio aos médicos. O primeiro movimento para suprir a necessidade de enfermeiras foi a contratação de cinco enfermeiras leigas francesas formadas. Durante todo o século XIX, a França foi principal influência cultural e científica para o Brasil. Oguisso, (2005).

A segunda iniciativa foi a fundação da primeira escola de enfermagem do Brasil, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados³, o antigo Hospício de Pedro II, transformado em Hospital Nacional de Alienados, na Praia da Saudade, atual Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

O decreto 791 de 27 de setembro de 1890, que determina a criação da Escola inicia a formação escolar da enfermagem no Brasil, e é o primeiro passo para a profissionalização, no modelo proposto por Elias (1987).

O estudo deste documento mostra que, apesar de criar a Escola anexa ao hospício, esta era “destinada a preparar enfermeiros e enfermeiras para hospícios e hospitais civis e militares” do país. Além de determinar a formação através de um curso teórico e prático, o mesmo instrumento determina a preferência na contratação dos formados pela escola e aposentadoria aos vinte e cinco anos de serviço.

² As irmãs de caridade também eram responsáveis pela assistência no hospital do exército, na corte, desde 1868, conforme mostra Passos, (2000).

³ Atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (EEAP/UNIRIO)

Os estudos realizados até o momento mostraram as extremas dificuldades de funcionamento desta escola em seus primeiros anos. Certamente o Hospício não oferecia condições ideais para atrair e manter o alunado nas aulas, embora uma bolsa de estudo e trabalho era uma das vantagens oferecida. Vale destacar que os primeiros alunos eram os funcionários do próprio hospital, em grande parte imigrantes ibéricos e italianos; 67% dos requerentes a matrícula em 1906, conforme estudo de Espírito Santo, Moreira e Porto (2005).

Moreira (2005) identificou ainda outras iniciativas de formação de enfermeiros no Brasil: o curso de enfermeiras da filial São Paulo da Cruz Vermelha Brasileira em 1912 logo depois duas iniciativas na filial Rio de Janeiro; 1914 e 1916, fruto do impacto da eclosão da Primeira Guerra Mundial, e o Curso da Policlínica de Botafogo, em 1917.

Estas iniciativas demonstram o interesse no preparo formal e laicização dos agentes de enfermagem para responderem às demandas das instituições assistenciais públicas, caritativas ou privadas, inspiradas nos modelos da Europa e dos Estados Unidos da América, onde também já existiam muitas escolas de enfermagem anexas aos hospitais e desenvolvia-se a saúde pública.

Este primeiro momento de profissionalização da enfermagem é marcado pelas tentativas de dar utilidade em “uma nobre profissão” **para as mulheres**, como oferecer às órfãs dos recolhimentos, particularmente da Santa Casa de Misericórdia, uma oportunidade de formação e trabalho.

Apesar de tão generosos esforços, a escola lutou contra muitas dificuldades: as órfãs não se adaptaram ao regime disciplinar; há sucessivas críticas que a Escola não teria funcionado regularmente até o ano de 1904/5 e ainda nova interrupção em 1908, 1913, registros contínuos só são estão disponíveis somente a partir de 1920. Em 1921, dias antes da chegada da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem (Fundação Rockefeller) a Escola foi reorganizada e dividida em seções mixta e feminina.

Há indícios também de que a enfermagem do Hospício e dos hospitais públicos para contagiosos foi uma opção de trabalho para imigrantes, na maioria,

homens jovens, oferecendo-lhes ainda a vantagem de obtenção da cidadania. Rodrigues (2005).

De outro modo, as escolas de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e as iniciativas religiosas mantinham-se exclusivamente femininas. Sobre este aspecto, dois precursores médicos da literatura de enfermagem brasileira nas primeiras décadas do século XX, o Dr. Getúlio dos Santos, diretor da Escola de enfermeiras da Cruz Vermelha e Adolpho Possolo⁴, médico, autor do livro texto para a Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto afirmam suas convicções de preferência ao gênero feminino para a enfermagem em seus respectivos livros.

(...) Seria perigoso abrir as portas aos homens cuja ambição não tem limites, para essa instrução theorica-Prática, embora modesta, que garante a posse de um diploma de enfermeiro, a menos que se não quizesse fomentar, desenvolver, e mais ainda facilitar a terrificante praga de “curandeiros” e charlatões que já nos assola.

A mulher é mais sincera nas suas aspirações, mais constante nos surtos, de acção bem mais comedida e, portanto, mais capaz de exercer sem exorbitar, e dentro das suas atribuições, o dedicado mister de enfermeira.” (Santos, 1928:17)

A introdução do modelo anglo-americano e a criação do Padrão Anna Nery (1923-1931)

Na década de 20 do século passado, uma grande reforma sanitária liderada pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), dirigido pelo eminente cientista Dr. Carlos Chagas, introduziu, através de uma missão estrangeira financiada pela Fundação Rockefeller⁵, o modelo Anglo-americano de enfermagem na Escola de Enfermeiras/DNSP⁶, em 1923. Uma composição peculiar das idéias originais de Florence Nightingale, do desenvolvimento da

⁴ O livro Curso de enfermeiros teve sua primeira edição em 1920.

⁵ Missão de Cooperação Técnica para o desenvolvimento da Enfermagem no Brasil (1921-1931)

⁶ Atual Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ)

saúde pública norte-americana e as adaptações necessárias à implantação no Brasil. Sauthier (1996)

A demanda por profissionais de enfermagem qualificadas para o trabalho de saúde pública foi consequência de uma conjunção de fatores como as críticas de intelectuais e cientistas brasileiros à lastimável situação da saúde no interior do Brasil evidenciada pelos efeitos devastadores da epidemia de gripe espanhola, em 1918 e das endemias que assolavam o país como a tuberculose que clamavam por agentes qualificados e ações intensivas. Outro fator fundamental foi a atuação no Brasil da Fundação Rockefeller que vinha financiando bolsas de estudos para sanitaristas brasileiros que nos EUA tomaram conhecimento dos avanços da saúde pública e da atuação das enfermeiras na América do Norte.

A Escola de Enfermeiras do DNSP, organizada pelas americanas da Rockefeller, seguia as recomendações do *Nursing and Nursing Education in the United States*, o Relatório Goldmark, elaborado pelo *Committee for the Study of Nursing Education* que vinha trabalhando desde 1919, sob os auspícios da mesma Fundação Rockefeller, publicado em 1923. Educação sanitária e à beira do leito. A primeira turma, “as pioneiras”, se formou em 1925. Algumas das ex-alunas foram agraciadas com bolsas de estudos da Rockefeller e partiram para os EUA e Canadá para dar prosseguimento aos estudos no Hospital Geral de Filadélfia, do Teachers College da Universidade de Columbia, e na Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, e ao retornarem formaram a primeira geração da liderança nativa e assumiram os destinos da nova profissão. Santos e Faria (2004).

Na nova organização sanitária, a partir de 1927, todo o trabalho de visitação sanitária passou a ser feito por enfermeiras diplomadas. Souza e Amorim (2005).

Ainda nas dependências da Escola de Enfermeiras foi fundada a Associa o Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, em 1926, que originou a atual Associa o Brasileira de Enfermagem (ABEn), aceita no Conselho Internacional de Enfermagem no congresso mundial de Montreal em 1929.

Durante quase 50 anos a Associação Brasileira de Enfermagem foi o único órgão de classe representativo da enfermagem, lutando pelo reconhecimento legal e social da profissão, e apoiando a capacitação profissional e a difusão científica.

Podemos identificar na ABEn, o segundo elemento de forte apoio ao processo de profissionalização da Enfermagem no Brasil; a corporação, como o espaço da afirmação da identidade, e luta coletiva pelos interesses da classe.

Em 1931, com o fim da missão estrangeira, a Escola não foi inserida na Universidade do Brasil, conforme se esperava. Entretanto, foi elevada à condição de padrão nacional; o “Padrão Anna Nery”, em 1931, através do decreto 20.109/31⁷.

Do ponto de vista da regulação e fiscalização, o exercício da enfermagem da medicina, odontologia, medicina veterinária e das profissões de farmacêutico e parteira foram definidos pelo decreto 20.931/32.

Este panorama geral da trajetória da Enfermagem pode mostrar alguns temas que perpassam ao desenvolvimento da Enfermagem e da saúde no Brasil da última década do século XIX ao início da terceira década do século XX⁸.

Durante o período, a definição dos contornos desta profissão como o grau de instrução, os modelos de formação; maior ou menor grau de autonomia, e a conseqüente inserção no mercado de trabalho geraram acaloradas discussões entre os defensores desta ou daquela posição e produziram resistências e alianças entre os grupos, inclusive por dentro da própria enfermagem.

Um movimento importante de nota é a assunção e unificação progressiva pelo Estado nacional da saúde, a partir da Proclamação da República, da unificação e crescente especialização dos serviços na Diretoria-Geral de Saúde Pública em 1897, até a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, em 1930.

⁷ Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa condições para a equiparação das escolas de enfermagem e instruções relativas ao processo de exame para revalidação de diplomas

⁸ Um ponto crítico nesta trajetória é o longo processo de organização da profissão em categorias e a exclusão de elementos sem formação, ou com instrução insuficiente para o exercício de atividades de enfermagem, processo que se encontra em fase final na primeira década do século XXI.

No início da década de 30, a Enfermagem contava com várias escolas de formação, públicas, privadas e religiosas que se viram forçadas por instrumento legal a adotarem o Padrão Anna Nery como modelo, em busca da equiparação e reconhecimento dos diplomas por elas emitidos.

As enfermeiras Anna Nery foram chamadas a organizar os serviços de enfermagem e escolas por todo o país e enfrentaram grandes dificuldades de introduzir além da formação técnica, uma nova ética corporativa e hierarquia de saber no campo da saúde. Silva Junior (2000).

Foi este o modelo vitorioso contra os defensores da manutenção das posições tradicionais de inferioridade da enfermagem, um trabalho exercido majoritariamente por mulheres, na sociedade.

No esquema proposto por Ellias (1987) faltava ainda um elemento fundamental para a conformação da profissão, uma lei do exercício e fiscalização da prática, que pudesse amparar a atuação dos legítimos detentores do saber-fazer, ampliar o campo e impedir o acesso e punir os charlatões, os praticantes do exercício ilegal, o que só foi obtido em etapas posteriores⁹.

Considerações Finais

Por tratar-se de uma atividade imprescindível à sobrevivência e recuperação das pessoas em todas as fases da vida, esta prática, o cuidado, é talvez tão antiga quanto a humanidade, entretanto, a profissão, como a entendemos hoje, data de menos de 150 anos e no Brasil, 115 anos, considerados os marcos do início do preparo formal – escolar- ocorridos na Inglaterra em 1860 e no Brasil em 1890.

Desde os finais do século XIX e o início dos anos 30, a primeira república, a enfermagem experimentou o seu nascedouro como profissão no Brasil. Desde o primeiro momento há o interesse do Estado, das religiões e dos médicos em feminilizar a profissão, até então exercida indistintamente por homens e mulheres.

⁹ BRASIL. 1949. Lei nº 775/49. Dispõe sobre o ensino de enfermagem no Brasil e dá outras providências. E BRASIL. 1955. Lei nº 2.604/55 Regula o exercício da enfermagem profissional.

As iniciativas de profissionalização seguem o esquema descrito por Elias (1987), ou seja, partiram da formação escolar, com vistas a alcançar a lei de proteção da corporação. No período estudado vários modelos concorreram e abrigados no mesmo Estado Nacional, na mesma cidade, a Capital da República, em 1931 coexistiam a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto: para homens e mulheres, com base na assistência hospitalar e higiene mental, dirigida por médicos e a Escola de Enfermagem Anna Nery, para mulheres, baseada na saúde pública, dirigida por enfermeiras. O último modelo foi adotado como padrão nacional a ser seguido por todas as demais escolas, embora não tivesse ainda galgado a universidade como parece ter sido o desejo das americanas que partiam.

Os estudos empreendidos pelos grupos de pesquisa de história da enfermagem vêm buscando desvendar e interpretar os múltiplos aspectos que compuseram esta trajetória.

Este trabalho teórico de interpretação e resignificação da enfermagem na sociedade brasileira é um campo fecundo de labuta intelectual para os enfermeiros e outros pesquisadores interessados na história da saúde e das doenças, das profissões, das políticas públicas para assistência, do trabalho feminino, entre outros, que demandam diferentes abordagens metodológicas e uso das mais variadas fontes documentais. Trata-se de um campo ainda pouco explorado, mas com grandes possibilidades e que já mostra resultados animadores.

Referências

- CASTRO SANTOS, L. A. FARIA, Lina, R. A cooperação internacional e a enfermagem de saúde pública no Rio de Janeiro e São Paulo. *Horizontes* v. 22, n. 2 julho/dezembro 2004, p.123-150.
- ELIAS, N. Profissões. *In: Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 993-994.
- FREIDSON. Eliot. 1988 Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. São Paulo, Edusp.
- MACHADO, M. H. 1995. Sociologia das profissões: uma contribuição ao debate teórico. *In* MACHADO, M. H. (org.). Profissões de saúde: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 13-33.
- MIRANDA, C. M. L. 1996. O risco e o bordado - um estudo sobre formação de identidade profissional. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.

- MOREIRA, A. 2005. A profissionalização da enfermagem. *In* OGUISSO, T. (org.) Trajetória histórica e legal da enfermagem. Barueri, SP: Manole. p. 98-119.
- OGUISSO, T. 2005. A influência francesa na enfermagem brasileira. *In* OGUISSO, T. (org.) Trajetória histórica e legal da enfermagem. Barueri, SP: Manole. p. 130-155.
- PADILHA, Maria I. C. de S. 1998. A mística do silêncio – a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel.
- PASSOS, Carla C. 2000. Pedra angular da enfermagem militar: as irmãs de caridade no Hospital Militar da Guarnição da Corte no apogeu do império. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SANTO, Tiago B do E. MOREIRA, A. PORTO, F. 2005. Os enfermeiros (as) da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Hospital Nacional de Alienados de 1906: Atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, 115 anos de pioneirismo no Brasil. Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- SANTOS, Getúlio F. O livro do enfermeiro e da enfermeira. Rio de Janeiro: 1928
- SAUTHIER, J. 1996. A missão de enfermeiras norte-americanas na capital da república. 1921-1931. Tese de Doutorado Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SCHULTHEISS, K. 2001. Bodies and souls: politics and the professionalization of nursing in France, 1880-1922. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press.
- SILVA JUNIOR, O. C. da. 2000. PAN – Padrão Anna Nery: a instituição da identidade profissional da enfermeira no Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOUZA, Bianca A. P. M. de. AMORIM, W. M. de. 2005. A atuação das enfermeiras do DNSP no Distrito Federal, 1921-1931. Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental. Ano 9 n.1/2 – 1º/2º semestres, p. 65-78.

CONFERÊNCIA – TEMA II

SAÚDE E ENFERMAGEM NA PRIMEIRA REPÚBLICA

*Lina Faria*¹⁰

*Luiz Antonio de Castro Santos*¹¹

A construção de uma identidade profissional

Em função da falta de enfermeiras graduadas em São Paulo, até aproximadamente a segunda metade dos anos de 1940, as autoridades sanitárias deram preferência à formação de educadoras ou “visitadoras”. Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos, o número reduzido de profissionais de saúde pública (diplomadas pela Escola Anna Nery, criada em 1923) praticamente impossibilitava a atuação dessas profissionais em escala nacional. O primeiro curso de Educação Sanitária¹² foi criado, então, em 1925, no Instituto de Higiene de São Paulo – embrião da atual Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Só em 1942, seriam criados o Serviço de Enfermagem do Instituto de Higiene e a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. O Curso de

¹⁰ Historiadora, Pesquisadora-Fapesp de Pós-Doutorado, Departamento de Política Científica e Tecnológica, Unicamp, E-mail lfaria@ige.unicamp.br. Este trabalho faz parte da produção científica de nosso grupo de trabalho no Diretório de Pesquisas do CNPq.

¹¹ Sociólogo, Professor Adjunto do Instituto de Medicina Social da UERJ. E-mail lacs@ims.uerj.br.

¹² A preocupação com o conhecimento da realidade social, com as condições sanitárias das populações carentes de serviços ambulatoriais e a relação com estas comunidades foi uma característica importante deste modelo de saúde pública - que denominava “sanitarismo social”. O curso oferecido pelo Instituto definiu o modelo de ação no campo higienista-educacional no estado de São Paulo, na primeira metade do século 20, e consubstanciou-se numa das expressões da nova política de saúde pública, que entendia os problemas de higiene como resultantes, em boa medida, da falta de educação sanitária. Neste sentido, a possibilidade de eliminação de graves problemas sanitários se daria através da ação educativa, da adoção, pela população, de medidas preventivas de cuidado com o corpo e o meio ambiente e de medidas profiláticas de controle das doenças infecciosas. Ver CASTRO SANTOS, Luiz A. de e FARIA, Lina R. de (2006) “Meia palavra sobre o ensino da saúde pública em São Paulo: os primeiros tempos”. São Paulo: *Boletim do Instituto de Saúde, BIS*. No prelo.

Educadoras Sanitárias teve grandes percalços, a partir da implantação da Escola de Enfermagem na Universidade de São Paulo. Logo vieram à tona questões de hierarquia profissional e competência técnica. Com o passar dos anos, a liderança profissional das enfermeiras diplomadas tornou-se incontestável, e as educadoras eram vistas como enfermeiras “informais”, como se lhes faltasse um treinamento profissional de peso.

O debate sobre a formação do campo da enfermagem, como profissão “feminina”, remete diretamente aos pressupostos tradicionais sobre o gênero, desde o século 19. Segundo Leibowitz (1975)¹³, as diferenças de anatomia entre homens e mulheres foram, durante séculos, interpretadas como intimamente relacionadas às diferenças nas capacidades emocionais e intelectuais, bem como em relação às habilidades físicas. Neste sentido, as tarefas e os papéis designados para homens e mulheres na sociedade tinham como base estas aptidões. Segundo a autora, a visão da anatomia humana como “destino” estava presente nos debates científicos até meados do século 20. Foi esse, de fato, um ponto de vista recorrente entre as primeiras lideranças da Enfermagem Moderna, particularmente na Europa¹⁴. O pensamento de Florence Nightingale - considerada a fundadora da Enfermagem Moderna -, nesse sentido, é bem conhecido. “O cuidar dos doentes é uma tarefa que sempre coube à mulher e sempre lhe deve caber” (*apud* Chagas: 1922: 5)¹⁵.

A mulher enfermeira projetou-se para o interior do mundo das profissões emergentes do século 20. Tanto a profissão da enfermagem quanto o domínio quase exclusivo ali conquistado se constituem a partir das primeiras décadas do século passado. Mesmo quando assumia ofícios que se somavam às atividades familiares - como a produção artesanal ou o trabalho assalariado - o trabalho feminino era ainda fundamentalmente restrito ao ambiente doméstico até os

¹³ LEIBOWITZ, Lila (1975) “Perspectives on the evolution of sex differences”. *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press. New York and London.

¹⁴ Segundo Schultheiss, na França as lideranças femininas tentavam provar que o homem não era capaz de tornar-se um bom enfermeiro e somente a mulher tinha aptidão para tal atividade. SCHULTHEISS, Katrin (2001) “Class, gender and Professional identity”. *Bodies and Souls. Politics and the professionalization of nursing in France, 1880-1922*. London, England: Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts.

¹⁵ Ver CHAGAS, Carlos (1922) “A enfermeira moderna. Apelo às moças brasileiras”. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Inspeção de Demografia Sanitária, Educação e Propaganda. Departamento Nacional de Saúde Pública, pp. 1-10.

inícios da industrialização europeia. É verdade que até há bem pouco a enfermagem era conhecida por algumas correntes da sociologia como uma “quase-profissão”¹⁶, em razão da falta de autonomia ou da subordinação a outros profissionais, mas também é verdade que as discípulas de Florence Nightingale começaram a assumir papéis que antes eram desempenhados pelos homens. Numa luta que teve lugar especialmente nos Estados Unidos – onde, diferentemente da Inglaterra, as enfermeiras cedo criaram suas próprias organizações profissionais e faziam o recrutamento em bases mais abrangentes do que as “well-born ladies” educadas nos hospitais de Londres - a enfermagem e, particularmente, a enfermagem de saúde pública permitiu às novas profissionais conquistarem espaços de autonomia e legitimidade diante da hierarquia médica¹⁷.

Florence Nightingale organizou, em 1859, o primeiro Curso de Treinamento para Enfermeiras em Londres, no Hospital São Thomaz. Lá demonstrou, “o valor da enfermeira inteligente e habilitada, abrindo caminhos à mulher para servir à humanidade”. Depois do estabelecimento desta primeira escola, outras foram organizadas não só na Inglaterra, mas nos Estados Unidos e em outros países. “E, onde quer que um tal programa tenha sido bem concebido e bem executado nunca deixou de atrair grupos de mulheres, que estabeleceram tradições de elevados ideais e de devotamento profissional”¹⁸. No início do século 20, havia nos Estados Unidos cerca de 100 mil enfermeiras trabalhando nas mais diversas especialidades e cerca de 50 mil alunas inscritas nas 1.585 escolas registradas¹⁹.

¹⁶ Sobre este tema, consultar FREIDSON, Eliot (1975).

¹⁷ DAVIES, Célia (1983) “Professionalizing Strategies as Time-and Culture-Bound: American and British Nursing, Circa 1893”. *Lagemann, Ellen Condliffe (editor) Nursing History. New Perspectives, New Possibilities*. Teachers College, Columbia University. New York and London.

¹⁷ - Ver CHAGAS, Carlos (1922), pp. 1-10.

¹⁸ Ver CHAGAS, Carlos (1922) “A enfermeira moderna. Apelo às moças brasileiras”. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Inspetoria de Demografia Sanitária, Educação e Propaganda. Departamento Nacional de Saúde Pública, pp. 1-10.

¹⁹ Uma grande proporção dessas escolas, do mesmo modo que no campo da medicina, estavam abaixo dos níveis profissionais que seriam adotados, neste último campo, após o Relatório Flexner e, na enfermagem, em decorrência das críticas feitas no Relatório Goldmark, de 1923. Ver GOLDMARK, Josephine (1923) *Nursing and nursing education in the United States*. New York: The Macmillan Company.

Essa mudança de perspectiva em relação ao sexo feminino deve ser entendida, segundo Paicheler²⁰ (1995), como parte de um conjunto de transformações sociais, políticas, culturais e econômicas, onde a mulher passa a assumir papéis que antes eram reservados aos homens. Na França, segundo Schultheiss (2001), eram grandes as resistências entre os enfermeiros à atuação da mulher nos hospitais. Para eles, a “feminização” da enfermagem traria desprestígio à profissão.

A entrada mais efetiva da mulher no mercado de trabalho foi possível em virtude das mudanças que vinham ocorrendo no mundo, desde final do século 19. Além disso, a rígida diferenciação de papéis sociais, atribuídos aos homens e às mulheres, já não canalizava os novos rumos e comportamentos sociais (Paicheler, 1995: 5-6). Neste cenário de transformações do papel feminino na sociedade - tanto nos Estados Unidos como em países europeus, principalmente Inglaterra e França - as primeiras mulheres a atuarem no campo científico e profissional representaram um papel importante nos debates sobre a natureza da sexualidade feminina. O momento era de grandes mudanças e disputas. Por um lado, as visitadoras sanitárias e as enfermeiras, que ganhavam cada vez mais o reconhecimento público. Por outro, a entrada da mulher na medicina. A oposição à entrada de mulheres nesse campo era muito forte entre os médicos. E, apesar de iniciativas pioneiras como de Louise Bourgeois - que escreveu manuais sobre temas ligados à mulher - foram os homens, que, segundo Rohden, inauguraram, na medicina, os rudimentos da obstetrícia e ginecologia modernas (Rohden, 2001:46)²¹. No entanto, o surgimento de uma “medicina da mulher”, a criação de novas maternidades, hospitais, dispensários e enfermarias, no final do século 19 e início do 20²², abria caminhos para essas mulheres dispostas a enfrentar as

²⁰ PAICHELER, Geneviève (1995) “Présentation. Les professions de soins: territoires et empiètements”. *Sciences Sociales et Santé*, vol. 13, (3).

²¹ ROHDEN, Fabíola (2001) *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

²² Em virtude do próprio desenvolvimento das áreas de ginecologia e obstetrícia, lembra Rohden (2001: 43-53). E, ainda, em virtude do desenvolvimento da saúde pública, de modo geral, como retrata George Rosen. ROSEN, George (1976) *A history of public health*. New York: MD Publications, INC.

hostilidades dos médicos, mas, principalmente, dispostas a demarcar um território de decisões e atuação que não fosse tutelado pela profissão médica.

Na França, segundo Schultheiss (2001), os primeiros anos do século 20 são marcados pela luta das enfermeiras pelo auto-reconhecimento profissional. A ênfase no treinamento e no credenciamento culminou no estabelecimento de instituições voltadas para a formação desta nova categoria, seguindo um modelo de profissionalização baseado na “feminização” da atenção ao paciente. A questão das relações de gênero no trabalho hospitalar foi sempre um tema polêmico na França. A visão que se tinha na época, entre os médicos, era de que uma mulher solteira não podia ser um ator social responsável fora do contexto religioso (Schultheiss, 2001: 125).

Na América Latina, a crescente urbanização, o aparelhamento do Estado, as ideologias de modernização e de construção nacional e o surgimento das grandes epidemias - como a febre amarela, a malária, a tuberculose e a ancilostomíase - criaram novas possibilidades para as educadoras sanitárias e, mais tarde, para as enfermeiras de saúde pública e, neste mesmo compasso, para o trabalho feminino. No cenário brasileiro, a partir do final dos anos de 1920 a visitadora sanitária foi adquirindo prestígio profissional, cada vez mais reconhecida como um ator importante dos serviços de saúde pública. Seu espaço diante da autoridade médica, ainda que reduzido, tinha status legítimo. Isto se devia, em parte, por ter conseguido reivindicar algum monopólio sobre uma área do conhecimento - a “educação sanitária” -, em particular, e, em parte, por sua atuação nos centros de saúde, postos de higiene e atividades de visitação. Falar sobre a formação de recursos humanos neste período exige colocar em destaque a expansão do papel da mulher na sociedade brasileira - em especial da visitadora sanitária e da enfermeira de saúde pública.

Um exemplo pioneiro foi a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) – embrião da atual Escola Anna Nery – criada em 1921 por Carlos Chagas. Esta instituição foi uma das primeiras a valorizar o trabalho feminino. Carlos Chagas afirmava, nesta época: “sem nenhum exagero asseguramos que não se poderá mais admitir uma administração sanitária

moderna, à qual falte esse órgão valioso de ação, representado pela enfermeira visitadora”²³.

Não foi apenas a Escola Anna Nery que possibilitou à enfermagem de saúde pública projetar-se como área de conhecimento e atividade profissional valorizada. Em São Paulo, o fruto deste esforço inicial veio com a criação, em 1925, do Curso de Educação Sanitária. A necessidade premente de enfermeiras para trabalhar nas campanhas sanitárias e, ainda, a longa duração do curso de enfermagem, conduziram à criação do Curso de Educação Sanitária, com requisitos menos exigentes de formação. Este curso teria duração de um ano e seis meses e ofereceria experiência teórica e prática às visitadoras. Aos poucos, as visitadoras de higiene foram sendo substituídas por enfermeiras graduadas pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, a partir da segunda metade dos anos de 1940.

Mas, era indiscutível a importância das visitadoras de saúde pública. Os centros de saúde e postos de higiene dispunham de número igual de médicos e visitadoras e a falta de visitadoras em um centro ou posto já os caracterizava como “subposto”. O centro de saúde permitia às visitadoras sanitárias exercer determinadas atividades relativamente independentes da supervisão e orientação dos médicos.

Nos serviços de higiene infantil a presença feminina era marcante. As visitadoras e, mais tarde, as enfermeiras de saúde pública, ficavam encarregadas de levar às mães todos os preceitos necessários à criação de seus filhos. Ficavam encarregadas ainda de verificar quaisquer condições patológicas ou anomalias orgânicas existentes nas crianças, e finalmente responsabilizava-se por todas as providências relativas aos problemas de higiene em um distrito sanitário. Quanto à sua atuação nos serviços de combate à tuberculose encontra-se ali, ainda segundo Carlos Chagas, um “exemplo valioso de atividade das enfermeiras visitadoras. Aí, mais do que em qualquer outro ramo da administração sanitária, sua função é preponderante e imprescindível”²⁴. E, ainda: “na luta contra a

²³ *O Jornal*, Rio de Janeiro, sete de abril de 1922. Ver também Biblioteca Virtual Carlos Chagas www.prossiga.br/Chagas. Acesso em 01 de junho de 2006.

²⁴ Ver nota 14.

tuberculose melhor se experimenta e mais eficazmente se exercita a atividade da enfermeira visitadora. O combate ao contágio, [...] constitui a base primordial da luta contra a doença; e nessa orientação, [...] cabe à palavra carinhosa e persuasiva da enfermeira visitadora, cabe à força de sua inteligência e ao poder soberano de seu coração, realizar a obra abençoada [...]”²⁵. Estava ali o embrião da atuação ainda mais destacada da enfermagem de saúde pública na Campanha Nacional contra a Tuberculose, em todo o país, a partir da década de 1940.

Tanto quanto nos serviços da Tuberculose, nos serviços de higiene rural cabia à visitadora sanitária introduzir “hábitos e costumes de civilização”, tarefa considerada imprescindível. Em artigo publicado na Revista Anais de Enfermagem, Evandro Chagas – irmão de Carlos Chagas – chama a atenção para o papel decisivo desta profissional na assistência médica e na educação sanitária. Embora reconhecesse que seria mais fácil a atuação masculina nas áreas interioranas do país, em virtude das condições adversas à mulher, acreditava que somente ela seria capaz de “vencer as tradições e os preconceitos das populações rurais, mais habituadas a verem na obra pública a ação perseguidora do que a atividade protetora e benfazeja”²⁶.

Considerações finais

Desde os tempos do surgimento da enfermagem profissional no Brasil, há mais de 80 anos, a forte “feminização” da profissão coloca interessantes desafios para a discussão política e sociológica: pois, além de não constituir uma profissão subalterna, por “razões de gênero”, vem se firmando no espaço das ciências da saúde e das profissões. Estamos diante de uma atividade de ensino e de um desempenho profissional controlados, em grande parte e com indiscutível êxito, por mulheres. No Brasil, trabalhos recentes procuram refletir sobre a marcante presença de mulheres nas ciências e profissões da saúde e, ao mesmo tempo, tentam resgatar a trajetória de vida e profissional de algumas pioneiras como

²⁵ Ver CHAGAS, Carlos (1922), pp. 1-10.

²⁶ CHAGAS, Evandro (1938) “Enfermagem em face do problema rural do Brasil”. *Anaes de Enfermagem*, ano 6, (15), pp. 5-7.

Maria Augusta Generoso Estrela, Maria Antonietta de Castro, Ruth Sandoval Marcondes, Edith de Magalhães Fraenkel, entre outras. Aos poucos essas pioneiras foram se destacando como “role models” e se distanciando daquela imagem construída por uma ideologia profissional que lhes negava o desempenho de atividades de cuidar e de curar. Aquelas que optaram em seguir a carreira na medicina desafiavam os valores e normas vigentes, que entendiam ser esta uma profissão masculina, imprópria para o sexo feminino. As que optavam pela carreira de educadoras ou enfermeiras viam-se diante do desafio de demarcar um território de decisões e atuação, que não fosse simples “poder delegável” pela profissão médica. Estas mulheres suportaram as pressões sociais e ampliaram seu espaço de atuação, se afirmando cada vez mais por meio da competência profissional e da busca de uma identidade associativa e coletiva.

A ENFERMAGEM DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E A GRIPE ESPANHOLA NO RIO DE JANEIRO: ATUAÇÃO E REPERCUSSÃO

Ana Paula Costa Alves*

Ana Cláudia de Souza Barboza**

Fernando Porto***

Osnir Claudiano da Silva Junior***

Wellington Mendonça de Amorim***

Introdução: A Cruz Vermelha Brasileira (CVB) foi fundada em 1908, e tinha como uma de suas missões, contribuir para a melhoria da saúde da comunidade; prevenção de doenças e o alívio do sofrimento, através de programas e serviços, adaptados às necessidades e peculiaridades nacionais e regionais. Nesta perspectiva, foram criados o Curso de Enfermeiras Voluntárias, em 1914 e a Escola Prática de Enfermeiras da CVB, em 1916. **Objeto:** a participação das enfermeiras da CVB/RJ no atendimento às vítimas da gripe espanhola, em 1918. **Objetivos:** descrever as circunstâncias em que ocorreu a gripe espanhola no Rio de Janeiro; analisar a participação das enfermeiras da CVB/RJ durante a epidemia e discutir a contribuição da atuação desta categoria durante a epidemia para a visibilidade social das enfermeiras da CVB/RJ. **Metodologia:** Estudo histórico-social. **Fontes primárias:** relatório institucional/CVB e artigos da imprensa escrita e ilustrada. Foi utilizado um instrumento para a coleta dos dados. Para a triangulação dos dados, foi utilizada literatura sobre história da enfermagem e do Brasil. **Resultados:** Ao término da 1ª Guerra Mundial, o país foi assolado pelo flagelo da gripe espanhola e o Distrito Federal foi vitimado com centenas de pessoas. Este acometimento necessitou de atendimento além do que a saúde pública do país poderia disponibilizar. Neste sentido, foi que as enfermeiras da CVB contribuíram em um hercúleo trabalho de atendimento às vítimas nas dependências da Instituição, tanto nos cuidados de enfermagem como na distribuição de alimentos. Esse atendimento das enfermeiras da CVB teve sua repercussão na imprensa ilustrada ao divulgar fotografias das enfermeiras e do diretor da Instituição. **Conclusões:** A CVB vem em 1918, dizer a que veio, cumprindo seus princípios institucionais nas calamidades e em tempo de paz, por meio da bondade e caridade.

Descritores: História da Enfermagem. Cruz Vermelha. Saúde Pública.

* Aluna do 8º período de graduação em Enfermagem da EEAP/UNIRIO. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: anapaula.costaalves@gmail.com.

** Aluna do 8º período de graduação em Enfermagem da EEAP/UNIRIO. Bolsista IC/UNIRIO.

*** Professor da EEAP/UNIRIO e pesquisador do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

**ABRIGO DO CRISTO REDENTOR:
A RECONFIGURAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM (1987 -1995)**

Angela Maria Guimarães Gomes*

Introdução: Esta pesquisa refere-se à reconfiguração da enfermagem em uma instituição asilar, tendo como início na história da enfermagem a participação das religiosas, posteriormente, a contratação da primeira enfermeira em 1975, dando continuidade com a formação da primeira equipe de enfermeiros e finalmente a criação do cargo de supervisores de enfermagem. Menciona ainda a participação da Extinta LBA que levou à mudança da razão social da instituição que passa a denominar-se Centro de Promoção Social Abrigo do Cristo Redentor, tornando-se uma instituição pública do governo federal passando a atender somente idoso. Tem como objetivos: Analisar estratégias implementadas pelos enfermeiros para conquistar espaço no serviço e discutir a reconfiguração do serviço de enfermagem na instituição. Metodologia: trata-se de um estudo do tipo histórico social, cujo cenário é uma instituição asilar, situada em Higienópolis, no Rio de Janeiro. Tendo como fontes primárias: depoimentos de profissionais que atuaram na instituição, acrescido de documentos, decretos, e livros de registros pertencentes ao arquivo da instituição. Como fontes secundárias: teses, dissertações, e livros sobre a história da enfermagem, e da instituição. Análise parcial: resultados preliminares mostram que, em 1987, com a contratação de quatro enfermeiros, deu-se a implantação da primeira equipe de enfermeiros e a criação do quadro de supervisores de enfermagem na Instituição. Essa contratação contribuiu para melhorias na assistência de enfermagem, através da co-participação desses enfermeiros na elaboração, coordenação e supervisão no serviço, treinamento dos profissionais de enfermagem e implementação de planos assistenciais, valorizando as atribuições dos enfermeiros, que anteriormente não eram reconhecidas.

Descritores: Enfermeiro, Idoso. História da Enfermagem

**PSIU! PRECISAMOS DE SILENCIO: REPENSANDO A TEORIA
AMBIENTALISTA DE FLORENCE NIGHTINGALE**

Antonia Regina M. Fernandes Sena^{*}
Eric Gustavo Ramos Almeida^{**}
Aline Marinho da Silva^{***}
Vanessa Goés^{****}
Luciana Ellen^{****}

O objeto deste estudo é a reflexão acerca do ruído, um dos princípios da Teoria Ambientalista de Florence Nightingale, para julgar a adequação da teoria à prática do cuidado hospitalar, tendo como foco de análise o ambiente, o profissional enfermeiro e o cliente, resgatando a importância do ambiente terapêutico. O ambiente é o local onde as pessoas vivem crescem, reproduzem-se e morrem em constante interação com a natureza por isso Florence dizia que o ambiente hospitalar deveria ser livre de influências externas que afetavam a vida e o desenvolvimento de um organismo, capazes de prevenir, suprimir ou contribuir para a doença e a morte. Objetivos: buscar entendimento mais amplo acerca do ruído hospitalar nos dias atuais, e revisar os estudos realizados pelos enfermeiros e responsáveis por esse agravo no ambiente. Trata-se de um estudo histórico, descritivo com abordagem qualitativa cujo foco é a análise documental referente às publicações de estudos acerca do ruído hospitalar no período de 2000 a 2005 que se encontram indexados no banco de dados LILACS e em algumas revistas de enfermagem brasileira. Evidenciou nos resultados parciais a preocupação do profissional no que tange ao local da construção do hospital, os vários tipos de ruídos que são convividos diariamente no ambiente hospitalar como compressores de ar, televisores, rádio etc. e trazem a importância da manutenção de um ambiente terapêutico como Florence preconizava há dois séculos.

Descritores: Enfermagem; cuidado; ambiente.

* Professora Mestre do Departamento de Enfermagem da Universidade Gama Filho e Universidade Castelo Branco. Tel: 9526739 E mail: antoniasena@ig.com.br.

** Acadêmico de Enfermagem do 4^o período da Universidade Gama Filho

*** Acadêmica de Enfermagem do 8^o período da Universidade Gama Filho.

**** Acadêmicas de Enfermagem do 8^o período da Universidade Castelo Branco

**** Acadêmicas de Enfermagem do 8^o período da Universidade Castelo Branco

O IMPACTO DA LEI 775 NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO (1950 - 1956)

Bernardo Assis Monteiro²⁷

Wellington Mendonça de Amorim²⁸

Introdução: O objeto desta pesquisa é o impacto na formação profissional da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto frente às exigências da legislação do ensino de enfermagem no Brasil (1950-1956). Objetivos: Identificar as circunstâncias da lei 775/49 que regulamentou o ensino de enfermagem no Brasil; e analisar as estratégias adotadas pela direção da EEAP para a formação profissional frente à ótica da nova padronização do ensino de enfermagem no país. Metodologia: Estudo de natureza histórico-social, utilizando a análise documental. Fontes: Arquivo Setorial Enf^a Maria de Castro Pamphiro da EEAP/UNIRIO e o Centro de Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Para coleta e análise dos dados, foi elaborado um instrumento de coleta de dados baseado na grade curricular da lei. Resultados e Conclusões: A EEAP mostrou estar preparada para a chegada da nova lei, valeu-se de estratégias e alianças para atender às suas exigências, para tanto, teve o apoio da Escola Anna Nery que prestou importante auxílio nesse período de adaptação.

Descritores: história da enfermagem, educação, escola de enfermagem.

²⁷ Acadêmico de Enfermagem do 9º período da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (Laphe).Endereço para correspondência: Rua: Assis Bueno 28/301. Botafogo. Rio de Janeiro – RJ Cep: 22280-080. tel: (21) 88868441. Email: bassis21@hotmail.com

²⁸ Professor da EEAP?UNIRIO e Pesquisador do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

O MOVIMENTO DE EXPANSÃO DOS CURSOS SUPERIORES DE ENFERMAGEM NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Bruna Rocha da Silva^{*}
Suely de Souza Baptista^{**}

Introdução: o objeto deste estudo é a reconfiguração da vinculação institucional dos cursos superiores de enfermagem na região Norte do Brasil. Objetivos: levantar o número de cursos superiores de enfermagem na região Norte do Brasil; analisar os diversos modos de vinculação institucional desses cursos nos setores público e privado; discutir as influências do contexto histórico-social no movimento de expansão e diversificação desses cursos. Metodologia: pesquisa histórico-social, com abordagem quantitativa. Fontes primárias: - site do Inep; - questionários aplicados às escolas de enfermagem. Fontes secundárias: relatórios de pesquisa, jornais, artigos, livros, dissertações, teses, sites que abordam a temática em estudo. Resultados e Conclusões: a região Norte possui uma grande extensão territorial com graves problemas de infra-estrutura, principalmente nas áreas de energia, comunicação, transporte, educação, saúde. No que se refere ao campo de enfermagem, em 2005, esta região possuía 23 cursos, sendo a menor concentração numérica de cursos superiores entre as cinco regiões brasileiras, ou seja, aproximadamente 5% do total de cursos de todo o país. Destes, 13 eram vinculados ao setor privado (56%) e 10 ao setor público (44%). De 1944 até 1999 (56 anos), foram criados 8 cursos, sendo 6 públicos e 2 privados e entre 2000 e 2005 (seis anos) foram criados 15 cursos, sendo 11 privados (73%) e 4 públicos (27%). Quanto à vinculação institucional, o que se percebe na série histórica de criação dos cursos superiores de enfermagem na região Norte, é que o incremento da política neoliberal vem determinando uma reconfiguração do campo da educação superior de enfermagem.

Descritores: enfermagem, escolas de enfermagem, história da enfermagem.

* Aluna do 8º período do Curso de Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS). E-mail: bru_ufrj@yahoo.com.br

** Doutora em História da Enfermagem. Professora Visitante do Departamento de Enfermagem Fundamental (DEF), da EEAN/UFRJ. Membro Fundador do NUPHEBRAS. Pesquisadora 1B do CNPq.

ANTÔNIO FERNADES FIGUEIRA, DIRETOR DA ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS. A PRIMEIRA ESCOLA DE ENFERMAGEM DO BRASIL.

Bruno da Rocha^{*}
Almerinda Moreira^{**}
Fernando Porto^{**}

Introdução: Pesquisa histórico-exploratória inserida na linha de pesquisa “O Desenvolvimento da Enfermagem brasileira” do grupo de pesquisadores do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE) da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP. Como parte integrante do projeto “Os Dirigentes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”. O Objeto de estudo é a trajetória de Antônio Fernandes Figueira, um dos dirigentes da antiga EPEE, atual EEAP. Tem como objetivos: Tal projeto tem como objetivos: resgatar a memória do ex-diretor da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Antônio Fernandes Figueira e divulgar quem foi essa importante pessoa. Metodologia: metodologia a busca dos registros deu-se na Academia Nacional de Medicina, Biblioteca Nacional, Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da EEAP, Na Fundação Instituto Oswaldo Cruz e bibliografias sobre o tema. Resultados parciais: Através da leitura dos documentos encontrados sobre o objeto da pesquisa, identificamos documentação que apontam para atuação de Antônio Fernandes Figueira, no período de 1890 a 1923 como diretor. Ademais, o estudo tem a intenção de prosseguir na busca de novas fontes, acervos e arquivos.

Descritores: História da Enfermagem, Biografia, Memória.

* Graduando de Enfermagem do 5º período/EEAP/UNIRIO – Bolsista IC/UNIRIO
E-mail: bruno22rocha@yahoo.com.br

** Professores da EEAP/UNIRIO e pesquisadores do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

MARCOS NA HISTÓRIA DO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO – 1947 A 1979

Camila Vanzela Sá Borba*
Wellington Mendonça Amorim**

Introdução - A História do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) situado na cidade do Rio de Janeiro está inserido na evolução da história da Previdência Social no Brasil. Desde sua inauguração em 1947 ainda como Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), o Hospital passou por várias transformações, acompanhando as mudanças que ocorreram na Previdência Social no Brasil. O objetivo do trabalho é analisar a história do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) através de marcos importantes na Política da Previdência Social no Brasil, de 1947 a 1979. A metodologia utilizada será a análise de fontes relacionadas com o tema. Resultados - Evidencia-se ao final do trabalho, a importância do Hospital dos Servidores do Estado no cenário da Previdência Social do Brasil.

Descritores: História da enfermagem; Reforma dos Serviços de Saúde.

* Mestranda da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
(camilavanzela@hotmail.com).

** Professor Adjunto na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

COREN/COFEN: DA CRIAÇÃO AOS DIAS ATUAIS- QUAL IMPORTÂNCIA PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL?

Caroline Kaczmarkiewicz*
Andréa Fittipaldi**
Lília Molina**
Livia Sant'Anna**
Maristela Berlitz*

Introdução- É um informativo para os profissionais da área de Enfermagem e, principalmente para os alunos da graduação. A necessidade de informação a respeito do que seria o sistema COFEN/CORENs e de seu papel no exercício profissional da Enfermagem, nos motivou a pesquisar e escrever sobre este assunto. Para tanto exploramos um pouco da história deste dois órgãos normatizadores, também apresentamos seus objetivos e suas deliberações.

Objetivos- Identificar o papel dos órgãos normatizadores no exercício profissional da Enfermagem; **Metodologia-** A partir dos objetivos traçados foi realizado um levantamento bibliográfico com abordagem qualitativa, tendo como instrumentos Revistas de Enfermagem, livros e pesquisas em sites na Internet.

Resultados e Conclusões - Ao longo deste trabalho, procurou-se evidenciar a necessidade e a importância de se conhecer a atuação dos órgãos normatizadores, COFEN/CORENs, no exercício profissional da Enfermagem para que se saiba e que se faça cumprir os direitos e os deveres concedidos aos trabalhadores desta área, assim como reivindicar melhorias nas condições de trabalho e fiscalização. O conhecimento dos encargos destes órgãos torna o profissional de enfermagem consciente de sua área de atuação e da regulamentação que rege a profissão.

Descritores: Exercício profissional; enfermagem; entidades de classe.

* Aluna do curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto- EEAP-UNIRIO
carol_kacz@yahoo.com.br

** Alunas do curso de graduação da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO

A MATÉRIA DE ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS E ENFERMEIRAS, SEÇÃO FEMININA: A GARANTIA DA ADMINISTRAÇÃO INSTITUCIONAL SOB A ÉGIDE DA MEDICINA (1921-1926)

Cássio Fernandes da Silva*
Fernando Porto**

Introdução: a matéria de administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) na Seção Feminina, no Engenho de Dentro. A delimitação temporal tem como marco inicial o ano de 1921, com o Regimento Interno da EPEE da Assistência a Alienadas e como marco final o ano de 1926, com a alteração do capítulo II do Regimento Interno da EPEE da Assistência a Alienadas. Objetivos: descrever o conteúdo da matéria de administração no Curso de Enfermeiras na EPEE, Seção Feminina, pelo livro "Curso de Enfermeiros", analisar os exames das alunas na matéria de administração e comentar este ensino para a Colônia do Engenho de Dentro. Metodologia: estudo histórico-social. Fontes primárias: documentos inscritos oriundos da instituição e matérias jornalistas e fontes secundárias: literaturas de aproximação com o objeto. Resultados e Considerações Finais: Estudo aponta para as competências do (a) enfermeiro (a) na instituição. Nas bancas examinadoras houve a predominância do Dr. Álvaro Cardoso, Diretor administrativo da Colônia. O curso contou com 95 alunas no período proposto com 3 reprovações nos anos entre os anos 1923 e 1924. A inferência a essas reprovações ocorreu em virtude da evasão das enfermeiras da instituição, considerando que à época a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira já formava enfermeiras desde 1916, o que levava a concorrência pelas instituições de saúde em ter enfermeiras em seus quadros de funcionários. O interesse nas aulas de administração oferecidas pela instituição de ensino era garantir o bom andamento administrativo e assim assegurando o controle e o funcionamento da Colônia.

Descritores: História da Enfermagem, Enfermagem, Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

* Acadêmico de Enfermagem do 8º período da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO, membro do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

** Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Membro do Laboratório de Pesquisa da História da Enfermagem e doutorando da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.

ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO CENTRO DE MEMÓRIA DRA NALVA PEREIRA CALDAS

Eloá Carneiro Carvalho^{*}
Regina Lúcia Monteiro Henriques^{**}
Sérgio do Nascimento Lopes Júnior^{***}

Introdução: O acervo cultural do Centro de Memória Nalva Pereira Caldas é fruto da cultura institucional da faculdade de enfermagem da UERJ, pois esta instituição sempre primou pelo registro fotográfico dos eventos mais significativos para os seus integrantes em diferentes contextos históricos. Desde a inauguração da Faculdade, antes denominada Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo (1948-1968), até os dias atuais, os diretores, alunos e egressos têm contribuído para a formação deste acervo. **Objetivos:** Compor e sistematizar o acervo fotográfico da Faculdade de Enfermagem da UERJ, mediante adoção de critérios que permitam oferecer subsídios ou informações como fontes primárias para os pesquisadores. **Metodologia:** Capacitação para a conservação e implantação da estação de tratamento do centro de memória: tratamento de conservação e recuperação do acervo (Centro de Conservação e Preservação fotográfica Funarte). **Resultado:** As fotos foram separadas e estão sendo identificadas e agrupadas por períodos e eventos, possibilitando o resgate da história da faculdade de enfermagem da UERJ pelo seu acervo fotográfico.

Descritores: Enfermagem, História, Acervo.

^{*} Professor Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ-e mail: eloagrossi@uol.com.br

^{**} Professor Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ).

^{***} Aluno da Faculdade de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ – bolsista.

OS MANUAIS PARA ENSINO DA ENFERMAGEM NO PERÍODO DE 1916-1920

Gisele Sá Freire Dias*
Almerinda Moreira**

Introdução: No Brasil, a primeira tentativa de profissionalização da Enfermagem se deu através da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), criada em 1890, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O ensino dessa escola era feito por aulas práticas e teóricas, não sendo encontrado nenhum manual quando da sua criação. O primeiro manual para ensino da enfermagem no Brasil data de 1916, sendo denominado “O Livro do Enfermeiro e da Enfermeira para Uso das que se Destinam à Profissão e das Pessoas que cuidam de Enfermos”, do Dr. Getúlio dos Santos. O segundo manual data de 1920, chamado “Curso de Enfermeiros”, do Dr. Adolpho Possollo. **Objetivos:** descrever as circunstâncias de publicação da literatura nacional para a enfermagem, identificar a origem do conhecimento utilizado na confecção dos manuais para ensino da enfermagem no período de 1916-1920, conhecer a utilização de manuais para ensino da enfermagem no período de 1916-1920, e analisar as estratégias utilizadas para transmissão do corpo teórico destinado à enfermagem. **Metodologia:** Estudo histórico-social, princípios da História Nova, utilizando análise documental e triangulação de dados. **Resultados e conclusões:** Ainda parciais, por se tratar de um projeto de dissertação de mestrado. Foi encontrada associação entre o livro do Dr. Getúlio dos Santos com a Escola de Enfermeiras – Curso Profissional da Cruz Vermelha, por ser o autor professor da escola. Foi encontrada ligação entre o livro de Dr. Adolpho Possollo e a EPEE, por sua estreita semelhança com o decreto de criação da escola.

Descritores: História da enfermagem; manuais; ensino

* Enfermagem – UNIRIO – gsfdias@yahoo.com.br

** Professor da EEAP/UNIRIO e pesquisadora do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

APELO ÀS MOÇAS BRASILEIRAS”: A PROPAGANDA DIVULGANDO E REPRODUZINDO IDÉIAS

Juliana Silva Corrêa Lourenço^{*}
Antonio Luiz de Souza Pedro^{**}
Lucia Helena S C Lourenço^{***}

Introdução: A implantação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), para formar enfermeiras diplomadas, foi coordenada por um grupo de norte-americanas que permaneceram no Brasil por 10 anos (1921-1931), com apoio da Fundação Rockefeller. Ao longo dos primeiros anos, os eventos produzidos pela Escola receberam ampla divulgação. Este fato cria interesse em compreender as estratégias publicitárias realizadas pelo governo da capital da República para divulgar a criação da nova escola. A chegada das enfermeiras norte-americanas, no Brasil, foi precedida pela distribuição de um livreto para captação de candidatas ao curso. É possível que a Oficina Gráfica de Inspetoria de Demografia – Sanitária, Educação e Propaganda do DNSP tenha sido responsável pela confecção do livreto. Objetivos: analisar a linguagem publicitária do livreto; e comentar o tipo de divulgação publicitária veiculada para este serviço. Metodologia: Trata-se de um estudo com abordagem histórico-social. As fontes foram os livretos, pertencentes ao acervo do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, publicados em 1921 e 1922, produzidos pelo DNSP, distribuídos em eventos sociais, visando mobilizar *moças de boa família* para ingressar na Escola que se criava. A análise foi realizada utilizando-se o critério da linguagem da palavra e da linguagem da imagem através da palavra, e à luz dos conceitos de prática da publicidade, segundo Armando Sant’Anna e propaganda institucional de Francisco Gracioso. Resultados: O livreto divulgado em 1921 contém muitos textos e a *chamada* é impressa em tipografia com pouco destaque. A edição de 1922 é impressa em tipologia que destaca a *chamada*; além disso, espaço significativo da capa, estampa a foto de Florence Nightingale, aristocrata inglesa responsável pela inovação da formação das enfermeiras na Inglaterra.

Descritores: Publicidade e Relações Públicas; História da Enfermagem; Enfermagem.

* Publicitária. Programadora Visual/Designer Gráfica do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.
julianalourenco@oi.com.br

** Jornalista, Publicitário e Relações Públicas. Docente da Universidade Gama Filho/Departamento de Comunicação Social

*** Enfermeira. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Membro Fundador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras).

O COTIDIANO DOS ALUNOS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO, 1949-1956.

Marcia da Rocha Meirelles*
Wellington Mendonça de Amorim**

Introdução: Trata-se de uma pesquisa sobre o cotidiano dos alunos na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, de 1949 a 1956. Definimos como marco inicial o ano em que passou a vigorar a Lei 775/49, e como final, o término da gestão da primeira diretora enfermeira da Escola, em 1956. **Objetivos:** Descrever o dia-a-dia dos alunos na EEAP durante a segunda metade da gestão de Maria de Castro Pamphiro; e analisar as estratégias dos alunos para se adequarem ao sistema estabelecido pela diretora da EEAP, demarcando as transformações e suas influências sobre a vida acadêmica, no período de 1949 a 1956. **Metodologia:** Estudo histórico-social, que utiliza a história oral temática como método para orientar as entrevistas, o qual foi aprovado pelo comitê de ética da Unirio. **Fontes:** depoimentos orais dos alunos da Escola no período de 1949 a 1956, bem como outros documentos escritos. **Método de análise:** categorial temático. **Resultados:** De acordo com os relatos, os alunos mantinham uma convivência agradável; possuíam uma alimentação balanceada, dentre outros fatores os quais caracterizavam o cotidiano dos alunos na Alfredo Pinto. **Conclusão:** As alunas, vindas de várias partes do país, de imediato se deparavam com o desafio da adaptação, seja ela referente às regras existentes na Escola, como também à alimentação, à vestimenta, além de outros fatores, que geraram uma grande mudança no dia-a-dia de cada uma delas. No decorrer do curso passaram a criar estratégias que lhes permitiram burlar tais regras, se adaptarem aos novos costumes e a tornarem a convivência prazerosa.

Descritores: Enfermagem, História da Enfermagem, Escolas de Enfermagem

* Bolsista PIBIC/CNPq - aluna de Graduação da EEAP/UNIRIO, marciameirelles@oi.com.br

** Professor Adjunto da EEAP/UNIRIO e Pesquisador do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMEIRA NO CONTROLE E ACOMPANHAMENTO DE PESQUISAS BIOMÉDICAS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Maria Luísa Arantes Rodrigues*
Ieda de Alencar Barreira**

Introdução: O presente estudo tem como objeto a importância histórica da contribuição da enfermeira no controle e acompanhamento de pesquisas biomédicas, para o desenvolvimento da prática da pesquisa em enfermagem, na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XX. **Objetivos:** Elaborar estudos de casos sobre a contribuição da enfermeira em pesquisas biomédicas; Analisar comparativamente a participação da enfermeira nessas pesquisas e; Discutir as implicações da participação da enfermeira em pesquisas biomédicas. **Metodologia:** Estudo de cunho histórico-social, de natureza descritiva. As fontes primárias utilizadas foram principalmente depoimentos orais de enfermeiras que participaram de pesquisas biomédicas de diversas naturezas. As fontes secundárias incluem livros, teses, artigos e revistas. **Resultado parcial:** A participação da enfermeira nos estudos citados garantiu a fidedignidade dos dados coletados; as atividades desenvolvidas pelas enfermeiras eram consideradas próprias à sua área de atuação; ao tempo em que contribuíram para o êxito das pesquisas biomédicas, as enfermeiras que dela participaram adquiriram competências relacionadas a metodologia científica. **Conclusão provisória:** A participação da enfermeira foi essencial para o bom desenvolvimento de projetos de pesquisas biomédicas, sendo esta participação, ao mesmo tempo, decisiva para a aquisição do conhecimento necessário à realização de pesquisas na área de enfermagem.

Descritores: História da enfermagem; pesquisa em enfermagem.

* Enfermagem – EEAN/UFRJ malu_ufrj@yahoo.com.br

** Professora Titular de História de Enfermagem da EEAN/UFRJ e Pesquisadora 1A do CNPq e do Nuphebras.

JOÃO DE MELLO MATTOS: UM DOS DIRIGENTES DA PRIMEIRA ESCOLA DE ENFERMAGEM DO BRASIL.

Marilena Alves Teixeira^{*}
Almerinda Moreira^{**}
Fernando Porto^{**}

Introdução: Pesquisa inserida na linha “O Desenvolvimento da Enfermagem brasileira” do grupo de pesquisadores do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE) da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP, como parte integrante do projeto “Os Dirigentes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”. O Objeto de estudo é a trajetória de João de Mello Mattos, um dos dirigentes da antiga EPEE, atual EEAP. Tem como objetivos identificar registros para construção biográfica de João de Mello Mattos e contribuir com a história e memória da EEAP. Metodologia com abordagem histórico-exploratória, utilizando busca dos registros na Academia Nacional de Medicina, Biblioteca Nacional, Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da EEAP, na Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz e bibliografias sobre o tema. Resultados parciais: Através da leitura dos documentos encontrados sobre o objeto da pesquisa, identificamos documentação que apontam para atuação de João de Mello Mattos, no período de 1905 a 1934, como: Diretor, Professor, Secretário Escolar, Subdiretor da “Secção Escolar Mixta” e Professor substituto na mesma escola. Ademais, o estudo tem a intenção de prosseguir na busca de novas fontes, acervos e arquivos.

Descritores: História da Enfermagem, Biografia, Memória.

* Graduada de Enfermagem do 7º período/ EEAP/UNIRIO. Bolsista IC/UNIRIO.

E-mail: marilenateixeira@uol.com.br

** Professores da EEAP/UNIRIO e pesquisadores do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem.

A EVOLUÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM NA REGIÃO SUL-FLUMINENSE

Mirza Almeida Santos*

Greice Aparecida Pires de Almeida Vieira Barros

Introdução: Este estudo procurou retratar a evolução do ensino superior em enfermagem na região Sul-Fluminense em seus aspectos mais significativos, fundamentalmente, no período compreendido entre o final da década de 1970 e início da seguinte década. Conquanto nos permitimos estudar alguns aspectos pré e pós o período citado. Para tal foi objeto de estudo a escola de enfermagem da então Sociedade Barramansense de Ensino Superior (SOBEU), atual Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), localizada no município de Barra Mansa - RJ. A escola foi pioneira no ensino em enfermagem no Sul do Estado, influenciando não só o ensino, mas dentro de uma perspectiva holística, toda a área de saúde da região. Suas perspectivas, métodos de ensino, objetivos, influenciaram toda uma geração de profissionais, tornando a faculdade interessante objeto de estudo. **Objetivos:** Descrever as circunstâncias de criação do Curso de Graduação em Enfermagem da SOBEU; Identificar a motivação para a criação do referido curso. **Metodologia:** Para situarmos a criação do curso, formulamos uma perspectiva histórico-social de toda a evolução da enfermagem e seu ensino no Brasil. Afinal a idealização e implementação do curso estiveram sempre pautadas por influências externas, diretas e indiretas. Posteriormente foram levantados dados documentais e realizadas entrevistas com personalidades influentes na criação do curso. **Resultados e Conclusões:** Os resultados apuraram as demandas da região na área de saúde e como foram supridas em parte pela implementação do curso de enfermagem da SOBEU.

Descritores: Ensino de enfermagem; Escolas de enfermagem.

* Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Barra Mansa mirza.almeida@gmail.com

ORGANIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA PROF^a DR^a NALVA PEREIRA CALDAS DA FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UERJ

Nalva Pereira Caldas^{*}
Luciana da Silva Santos^{**}

Introdução – O projeto de organização do Centro de Memória Prof^a Dr^a Nalva Pereira Caldas da Faculdade de Enfermagem (FENF) da UERJ foi iniciado em 1994, contando com bolsistas do curso de História de nossa universidade. A integração interunidades permite a soma de saberes para a manutenção da memória institucional. O projeto encontra apoio nas idéias de arquivologia de PAES, (Marilena Leite - 1997), VIEIRA (Sebastiana B. – 1999) e RICHARDSON e cols (Roberto Jery - 1989). Objetivo – Oferecer subsídios para pesquisadores (internos e externos) e à gestão da unidade, no que diz respeito ao planejamento, tomada de decisão e contribuir para a História da UERJ, da unidade e da História da Enfermagem Brasileira. Metodologia – As séries documentais já estão estabelecidas. No momento o trabalho prossegue com a classificação dos documentos, organização das séries, elaboração de sínteses para constituição dos catálogos. Todo o trabalho passa por avaliação e revisão da Coordenadora antes do arquivamento. Resultados e conclusões – Já estão encadernados: atos normativos da UERJ em quatro categorias; Boletins da UERJ. Sínteses elaboradas: Correspondência expedida – 1946 a 2005 – recebida – de 1945 a 1980 –, além das atas do Conselho Departamental. Outras séries estão organizadas, o que facilita a busca e o acesso dos pesquisadores. O esforço despendido vem sendo compensado pela utilidade que o Centro de Memória tem demonstrado a todos que nele buscam informações. Ainda há muito a ser realizado porque com 56 anos de vida, a Faculdade dispõe de farta documentação administrativa e acadêmica que em está em processo de avaliação.

Descritores: História da enfermagem; documentação; organização institucional

* Professora Emérita do Curso de Enfermagem da UERJ fenf.memoria.@bol.com.br

** Bolsista da Graduação do Curso de História da UERJ/FFP

IMPLANTAÇÃO DO ARQUIVO SETORIAL ENFERMEIRA MARIA DE CASTRO PAMPHIRO

Osnir Claudiano da Silva Junior^{*}
Maria Odete da Silva Lima^{**}
Sônia Helena Kaminitz^{***}
João Bosco de Souza^{****}
Michele de Almeida Gomes^{****}

Introdução. A pesquisa em história da enfermagem carece sobremaneira de acesso a arquivos e acervos documentais. Ao longo de mais de cem anos de história a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto produziu e acumulou um acervo precioso que necessita de cuidados para continuar sustentando a produção do conhecimento e responder às demandas administrativas. Objetivo: descrever as etapas iniciais de implantação do Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da EEAP/UNIRIO. Metodologia: estudo descritivo do tipo relato de experiência da etapa 2005-2006 de implantação do Arquivo Setorial. Resultados: Em 2005 o trabalho teve início com a higienização do acervo através de mesa higienizadora proveniente do convênio CT-INFRA FINEP/FNDCT com apoio do Arquivo Central e identificação do volume e das espécies documentais. Foram identificados documentos textuais, iconográficos, majoritariamente dossiês de alunos e documentação administrativa em originais e cópias, com limites temporais de 1890 a 2005. Foi iniciada ainda a criação de um Sistema Eletrônico de Recuperação da Informação para as fotografias, através de um subprojeto com a participação de um bolsista de iniciação científica da área de informática. Em 2006 estão em andamento a higienização do acervo, já tendo sido trocadas as caixas de papelão pelas poliondas, instaladas novas estantes e uma classificação preliminar por assuntos. Conclusões: O trabalho segue em andamento, sem interrupção no acesso para responder às necessidades administrativas e de pesquisa. A recuperação, classificação e disponibilização deste valioso acervo podem lançar luzes sobre a profissionalização da enfermagem brasileira, *a fortiori* por se tratar da primeira escola de enfermagem do Brasil.

Descritores: História da Enfermagem; acervo; organização e administração.

* Professor do Departamento de Enfermagem Fundamental EEAP/UNIRIO. Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem. Doutor em Enfermagem

** Arquivista. Chefe do Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro. EEAP/UNIRIO.

*** Professora da Escola de Arquivologia da UNIRIO. Diretora do Arquivo Central da UNIRIO. Mestra em Memória social e Documento.

**** Assistente Administrativo do Arquivo Central da UNIRIO.

**** Técnica de Arquivo do Arquivo Central da UNIRIO.

PROFISSÕES FEMININAS PIONEIRAS NA SAÚDE NO SÉCULO 20: ENFERMAGEM, NUTRIÇÃO E SERVIÇO SOCIAL.

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense*
Ieda de Alencar Barreira**

Introdução: Trata-se de um estudo histórico-social que teve como objeto: a formação e atuação de enfermeiras, nutricionistas e assistentes sociais, a partir da inserção da Escola Anna Nery na sociedade brasileira. O período abrange dos anos 30 a meados do século 20. **Objetivos:** descrever as circunstâncias do surgimento dos cursos de nutrição e de serviço social; analisar as relações das funções da enfermeira com as da nutricionista e com as da assistente social. **Metodologia:** utilizou-se como fontes primárias: artigos da época e documentos escritos, pertencentes ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery / UFRJ, bem como depoimento oral. **Fontes secundárias:** artigos, livros e teses. **Instrumentos:** quadro para a ordenação cronológica e temática dos achados e roteiro de entrevista. **Procedimentos:** comparação do teor de textos e documentos e contextualização das informações obtidas. **Resultados e conclusões:** a Escola Anna Nery teve um papel decisivo na emergência das profissões de nutricionista e de assistente social no Rio de Janeiro, cujo surgimento determinou a redefinição das funções da enfermeira. Essas três profissões, voltadas para a racionalização da organização e funcionamento hospitalares, contribuíram notadamente para a prestação de uma assistência mais completa à sua clientela. E, por serem elas caracteristicamente femininas, favoreceram o aumento do número de mulheres inseridas no mercado de trabalho qualificado na área da saúde.

Descritores: História da Enfermagem. Nutricionista. Assistência Social.

* EEAN/UFRJ, e-mail: pacitageovana@yahoo.com.br

** Professora Titular de História de Enfermagem da EEAN/UFRJ e Pesquisadora 1A do CNPq e do Nuphebras.

**A ENFERMAGEM NOS HOSPITAIS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL,
LOCALIZADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, NO INÍCIO DA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO 20**

Renata Lucas Mercês Silva*
Ieda de Alencar Barreira**

Introdução: Estudo de natureza histórico-social. Objeto: a enfermagem nos hospitais previdenciários da cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século 20. Objetivos: descrever as opiniões das líderes à época sobre a enfermagem na previdência social; analisar a inserção do serviço de enfermagem nesses hospitais; discutir os limites e possibilidades da enfermagem na previdência. Metodologia: fontes primárias - artigos da Revista Brasileira de Enfermagem e fontes orais; fontes secundárias - literatura disponível sobre a temática. Resultados e conclusões: Dos cinco hospitais, dois situam-se na zona norte da cidade (Bonsucesso e Andaraí), dois na zona sul (Lagoa e Ipanema) e um no centro (Hospital dos Servidores do Estado - HSE). Havia consenso entre as líderes de enfermagem quanto à necessidade de melhoria da organização e do funcionamento de quatro desses hospitais (ao contrário do HSE), nos quais a atuação das enfermeiras diplomadas foi dificultada pela heterogeneidade do pessoal e pela ausência de uma atuação hierarquizada e coordenada.

Descritores: História da Enfermagem, Enfermagem, Previdência Social.

* Aluna de Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ – 8º período. Membro do Núcleo de Pesquisa de História de Enfermagem Brasileira (Nuphebras)/UFRJ. Bolsista Pibic/UFRJ. Rua dois de dezembro, 124 aptº 604, cep: 22220040, Catete . renatalmsilva@yahoo.com.br

** Membro fundador do Nuphebras. Pesquisadora 1 A CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa “A prática profissional e a formação da identidade da enfermeira brasileira.” Ex-Professora Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental EEAN/UFRJ.

O SERVIÇO DE ENFERMAGEM EM NEFROLOGIA EM UM HOSPITAL DO ESTADO DA GUANABARA: A DITADURA DO MOMENTO (1968)

Simone de Aguiar da Silva^{*}
Frances Valéria Costa e Silva^{**}
Fernando Porto^{***}

Considerações Iniciais: Estudo histórico-social. A delimitação temporal foi o mês de setembro de 1968. O objeto do estudo é o não-dito da participação da Enfermagem no primeiro transplante renal no Hospital Pedro Ernesto em 1968, na imprensa do Rio de Janeiro. Objetivos: Descrever o contexto sóciopolítico do ano que ocorreu o primeiro transplante renal no Hospital Pedro Ernesto; Analisar o silêncio da participação da enfermagem neste procedimento, por meio da imprensa e Comentar a produção de sentido do silêncio que envolveu a enfermagem no setor de nefrologia do Hospital Pedro Ernesto. Aspectos teórico-metodológicos: Análise feita nas diferentes formas de silêncio proposto por Orlandi (1997). As fontes primárias: os documentos escritos institucional, os publicados pela imprensa e correspondência enviada aos familiares do receptor e como fontes secundárias: literaturas da História Brasileira, da Enfermagem, entre outros de aproximação com o objeto de análise. Resultados: Diante dos achados, o sentido produzido pelo silêncio foi de um possível silenciamento imposto a enfermagem que participou no primeiro transplante renal no Hospital Pedro Ernesto, visto que à época foi um período ditatorial, por meio da censura que infiro ser também interna na Instituição, imposta em virtude da necessidade quanto ao procedimento. Considerações finais: O silêncio quanto à participação da enfermagem no primeiro transplante renal ocorrido no Hospital Pedro Ernesto, indica abrir novas possibilidades de estudos e aplicação de outras metodologias neste não adotado.

Descritores: História, Enfermagem e Transplante renal.

* Enfermeira Residente do segundo ano em Nefrologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto. (Relatora). E-mail: siaguisil@yahoo.com.br

** Doutoranda em Saúde Coletiva, Enfermeira responsável pelo setor de Diálise Peritoneal do Hospital Universitário Pedro Ernesto – Orientadora.

*** Doutorando em Enfermagem e docente do Departamento Materno-Infantil da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), Coordenador do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE) Co-orientador.

A SAÚDE PÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL NA PRIMEIRA GESTÃO DA DIRETORIA GERAL DE SAÚDE PÚBLICA (1897 - 1902)

Fernanda Teles Morais^{*}
Mary Ann Menezes Freire^{**}
Wellington Mendonça de Amorim^{***}

Introdução: trata-se de uma pesquisa sobre as demandas identificadas a partir dos problemas evidenciados nos relatórios da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) que sinalizavam para a organização sanitária no Distrito Federal (RJ), 1897-1902. Tendo como recorte temporal o ano de criação da DGSP e o ano que antecedeu a nomeação de Oswaldo Cruz como Diretor-Geral de saúde pública. Objetivos: Descrever os fatos no campo da saúde pública que marcara os primeiros anos da implantação da DGSP; Analisar as ações de saúde pública a partir das demandas identificadas no campo sanitário, na gestão de Nuno de Andrade. Metodologia: pesquisa de natureza histórico-social, embasada na análise documental. Explorou-se os relatórios do Ministério da Justiça e Negócios Interiores inerente a DGSP, os documentos correlatos do Arquivo Setorial *Maria de Castro Pamphiro -EEAP* – UNIRIO. Para subsidiar a articulação das fontes ao contexto, foi elaborado um esquema de análise diacrônica e sincrônica de fatos e eventos pertinentes ao objeto em estudo. Resultados: No referido período, observou-se a necessidade de criação laboratórios, hospitais e dispensários; expedição de boletins de mortalidade; desinfecção de navios e casas; notificação compulsória das doenças; surgimento de um serviço exclusivo para febre amarela, dentre outras medidas de saneamento. Considerações parciais: Tais eventos caracterizaram oportunidades de discussão, no campo da saúde, sobre a organização da enfermagem de saúde pública, no âmbito do DGSP o que não se deu, pois este órgão governamental utilizou-se, inicialmente, de outros agentes para o atendimento as demandas de saúde pública.

Descritores: História de Enfermagem; Enfermagem em Saúde Pública; Saúde Pública.

* Graduanda de enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO. Integrante do grupo de pesquisa do CNPq “ A trajetória da enfermagem de saúde pública no Brasil ” e membro do Laboratório de Pesquisa de História da enfermagem – Laphe. Endereço eletrônico, nandatmorais@yahoo.com.br.

** Graduanda de enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO. Bolsista de Iniciação Científica – UNIRIO, integrante do grupo de pesquisa do CNPq “A trajetória da enfermagem de saúde pública no Brasil e membro do Laboratório de Pesquisa de História da enfermagem – Laphe.

*** Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da UNIRIO. Pesquisador do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem/ Laphe e do Nuphebras/EEAN.

AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA EPIDEMIOLOGIA E ENFERMAGEM A PARTIR DO SÉCULO XX

Aline Passos Sallibi*
Beatriz Mancebo Albuquerque**
Vanessa Paula de Freitas**
Enirtes Caetano Prates Melo***

Introdução: O presente estudo trata-se de uma pesquisa sobre a trajetória histórica dos conceitos de Epidemiologia na segunda metade do século XX. Tendo como recorte temporal o período de avanço do conceito de “campo da ciência médica” até “disciplina científica”. **Objetivos:** Descrever os diferentes conceitos de Epidemiologia ao longo da segunda metade do século XX e analisar sua evolução como disciplina científica e posterior consolidação como eixo fundamental no campo da Enfermagem. **Metodologia:** Esse é um estudo histórico-descritivo que se utiliza da análise documental e bibliográfica, onde se pretende destacar os objetos de investigação dentro dos diversos conceitos da Epidemiologia até os dias atuais. **Resultados:** Observou-se que as definições mais antigas estão limitadas à preocupação exclusiva com as doenças transmissíveis, pelo que afirmam tratar-se de um campo da ciência médica ou doutrina medica da epidemia, ou de disciplina dedicada à investigação das causas e ao controle de epidemias. Já as recentes incluem também, a distribuição da doença nas populações e fatores que influenciam ou determinam essa distribuição. Tais eventos ocorreram concomitantemente com a incorporação e o aprimoramento de ciências como: Matemática, Estatística, Biologia e Medicina Social, que formam um eixo de constituição da Epidemiologia como ciência e sua aplicação na Enfermagem.

Descritores: História; Enfermagem; Epidemiologia.

*Graduanda de Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO. Endereço Eletrônico: linesallibi@gmail.com.

**Graduandas de Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

***Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Índice de Autores

<i>Aline Marinho da Silva</i> – UGF	28
<i>Aline Passos Sallibi</i> - UNIRIO	48
<i>Almerinda Moreira</i> - UNIRIO	31, 36, 40
<i>Ana Cláudia de Souza Barboza</i> - UNIRIO	26
<i>Ana Paula Costa Alves</i> – UNIRIO	26
<i>Andréa Fittipaldi</i> - UNIRIO	33
<i>Angela Maria Guimarães Gomes</i> – SMDS/Rio	27
<i>Antonia Regina M. Fernandes Sena</i> - UGF	28
<i>Antonio Luiz de Souza Pedro</i> - UGF	37
<i>Beatriz Mancebo Albuquerque</i> - UNIRIO	48
<i>Bernardo Assis Monteiro</i> - UNIRIO	29
<i>Bruna Rocha da Silva</i> - UFRJ	30
<i>Bruno da Rocha</i> - UNIRIO	31
<i>Camila Vanzela Sá Borba</i> - UNIRIO	32
<i>Caroline Kaczmarkiewicz</i> - UNIRIO	33
<i>Cássio Fernandes da Silva</i> - UNIRIO	34
<i>Eloá Carneiro Carvalho</i> - UERJ	35
<i>Enirtes Caetano Prates Melo</i> – UNIRIO	48
<i>Eric Gustavo Ramos Almeida</i> - UGF	28
<i>Fernanda Teles Moraes</i> - UNIRIO	47
<i>Fernando Porto</i> - UNIRIO	26, 31, 34, 40, 46
<i>Frances Valéria Costa e Silva</i> – HUPE/UERJ	46
<i>Gisele Sá Freire Dias</i> - UNIRIO	36
<i>Greice Aparecida Pires de Almeida Vieira Barros</i> - CUBM	41
<i>Ieda de Alencar Barreira</i> - UFRJ	39, 44, 45
<i>João Bosco de Souza</i> – PRODI UNIRIO	43
<i>Juliana Silva Corrêa Lourenço</i> - UFRJ	37
<i>Líliá Molina</i> - UNIRIO	33
<i>Lina Faria</i> - UNICAMP	18
<i>Livia Sant'Anna</i> - UNIRIO	33
<i>Lucia Helena S C Lourenço</i> - UFRJ	37
<i>Luciana Ellen</i> - UGF	28
<i>Luciana da Silva Santos</i> - UERJ	42
<i>Luiz Antonio de Castro Santos</i> - UERJ	18
<i>Marcia da Rocha Meirelles</i> - UNIRIO	38
<i>Maria Luísa Arantes Rodrigues</i> - UFRJ	39
<i>Maria Odete da Silva Lima</i> – PROADI UNIRIO	43
<i>Marilena Alves Teixeira</i> - UNIRIO	40
<i>Maristela Berlitz</i> - UNIRIO	33
<i>Mary Ann Menezes Freire</i> - UNIRIO	47
<i>Michele de Almeida Gomes</i> – PROADI UNIRIO	43
<i>Mirza Almeida Santos</i> - CUBM	41
<i>Nalva Pereira Caldas</i> - UERJ	42
<i>Osnir Claudiano da Silva Junior</i> - UNIRIO	6, 26, 43
<i>Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense</i> - UFRJ	44
<i>Regina Lúcia Monteiro Henriques</i> - UERJ	35
<i>Renata Lucas Mercês Silva</i> - UFRJ	45
<i>Sérgio do Nascimento Lopes Júnior</i> - UERJ	35
<i>Simone de Aguiar da Silva</i> – HUPE/UERJ	46
<i>Sônia Helena Kaminitz</i> - UNIRIO	43
<i>Suely de Souza Baptista</i> - UFRJ	30
<i>Vanessa Góes</i> - UGF	28
<i>Vanessa Paula de Freitas</i> - UGF	48
<i>Wellington Mendonça de Amorim</i> - UNIRIO	05, 26, 29, 32, 38, 47